

Olha, eu quando eu saí da minha terra, eu saí com 13 anos, né. Saí de Sergipe, morei na Bahia, morei um tempo em Ilhéus, depois eu fui pro Rio de Janeiro, né?

Depois do RJ eu vim aqui pra Campinas. E aqui é um lugar que não tem tanto rio, o que tem aqui é valeta. Porque esse rio que tem aqui, não é um rio, é um córrego que arrecada toda a sujeira das casas. Cê sabe disso, né?

Então, quer dizer, que antigamente era um córrego pequenininho de mina, depois que a cidade foi crescendo, então o esgoto das casas foi jogando nesse rio e aí, foi tomando conta.

Porque água de casa, água de banho, água de roupa, tudo vem cair tudo aí.

E aí foi prejudicando e os moradores que moravam aqui... antigamente era muito largo isso aqui, mas conforme a cidade foi crescendo, aí foi comendo e hoje tá nesse estado aí, que em 1990, quando deu a primeira enchente aqui, foi uma coisa horrível aqui em Campinas, em 1990, né?

Aí depois disso aí teve outras enchentes, né, mas não foi tão grande como a que aconteceu em 90.

Mas o ano passado que teve aquela chuva, aí foi uma coisa que ninguém esperava. Aí inundou tudo aqui, os barracos aqui embaixo no Pichão, aqui pra cá, a água foi até no teto.

*Lá em Sergipe, onde você morava tinha rio? Você morava perto do Rio?*

Olha, na minha terra tem um rio que vem de Paulo Afonso, rio São Francisco, que faz ligação com a outra, né. Mas acontece que onde eu morava nunca teve isso, eu nunca vi na minha vida, com a idade que eu saí eu nunca tinha visto, assistido alguma coisa como eu já vi aqui em Campinas, a enchente.

Eu morava na cidade, mas o rio era longe. As pessoas iam pra lá, todo mundo lavava roupa no rio.

*E jogava lixo no rio?*

Não, lá não se jogava lixo no rio, não. Lá não tem esse negócio. Agora possa ser que com o crescimento da cidade aí as coisas vão piorando, de vez melhorar, piora. Aí dizer que a cidade cresceu vai melhorar, não melhora, piora. Porque aí vem um, aquele às vezes, um tem cuidado o outro não tem, se uma cadeira quebra ele vai lá e joga lá naquele terreno baldio, naquele local onde passa aquele esgoto, onde passa aquela água e assim vai.

*Você acha que pode jogar as coisas no rio ou não?*

Não, jamais. Tudo que for entulho, que não presta a gente tem que tá deixando num lugar, fora do rio porque quanto mais garrafa, tudo que for entulho, não pode ir pro rio porque aqui a água vem e pode levar mas quando chega mais pra frente pára e aí é quando dá enchente.

*E isso você já sabia?*

Isso a gente já sabia. Tanto é que quando a gente tinha cadeira, colchão, então a gente queima, não deixa assim, a gente queima, a gente queima, certo? Na minha época a gente queimava as coisas, quando a gente chupava uma cana que juntava aquele bagaço a gente não ia jogar no rio, a gente deixava lá no canto, quando secava a gente queimava. Só que aqui a cidade grande é diferente, eles vão jogando tudo no rio, é sofá, é cama, é geladeira, é fogão.

*E você por ser presidente aqui da associação você tem voz pra falar pra eles que não é pra jogar?*

Olha, aqui eu sou presidente do bairro há 12 anos, opa, há 22 anos, né. Eu sempre conversei com o pessoal explicando, sempre tive reunião com o povo, trazendo gente pra tá falando do que pode acontecer, porque o lixo, junto, se cria bicho, é rato, é cobra, é tudo, então a gente não pode fazer isso. Mas não adianta a gente falar, a gente fala, ali eles atendem tudo bem, quando a gente dá as costas eles tão fazendo pior. E aí o que acontece? É a enchente, é os bicho, é rato.

*Quando que você chegou aqui na rua Moscou? No bairro?*

Olhe, quando eu cheguei... eu já tô com 40 anos aqui em Campinas, 40 anos... aqui nesse lugar eu já to com 30... 28 anos por aí assim... que eu tô aqui nesse local, quase 30 anos né. É, 30 anos que eu to morando aqui.

*E antes daqui você tava onde?*

Antes de eu morar aqui, eu morei em vários lugares aqui. Morei no Proença, morei no Campos Elíseos, morei na Santa Cândida e morei no São Quirino ali em cima, dali que eu passei pra cá.

*E veio pra cá por quê?*

Olhe, eu não vim aqui, pra o estado de São Paulo, como é que se diz... nem por saúde, procurar de médico, eu vim andando, querendo vê e querendo aonde eu ia chegar, eu vim sem destino. E justamente, no lugar que eu estacionei mais foi em Campinas, que eu já tô há 30 anos aqui.

*E depois do Proença você veio parar aqui, por quê?*

No Proença eu morava com meu irmão, depois meu irmão mudou pra Campos Elíseos, aí eu morava com ele. Aí depois, eu conheci um rapaz, fui morar com ele, aí nós fomos morar na Vila Nova, depois agora da Vila Nova, depois da Vila Nova pro Santa Cândida, depois da Santa Cândida eu vim morar aqui no São Quirino e depois eu vim morar no rio. Foi quando eu saí daqui do São Quirino porque nós compramos um terreno meio a meio, meu marido comprou, e eu falei que não dava certo, como de fato não deu certo. Então nós resolvemos entrar aqui na favela e fomos morar na favela.

*E quando você chegou aqui você fez alguma coisa pra ficar mais fácil de morar, aterro, pra facilitar?*

Quando eu vim morar aqui, eu vim morar num barraco e aonde é agora um ? era um buraco de 15 metros, e... tinha outra presidente e ela fazia, ela lidava muito com a população, então quando ela saiu da área, que ela pegou casa no Itajaí, então ela convidou, tinha que formar outra diretoria dos moradores, então ela me convidou e eu entrei nessa diretoria sem saber o que..., o que eu ia fazer. Então, mas eu entrei com uma proposta de moradia, e o que eu bati em cima da moradia porque isso aqui era tudo barraco. Era tudo barraco, então, e eu entrei com a proposta de moradia e bati em cima da moradia, sabendo que através disso aí a gente ia ter que ter muita coisa como saúde, educação, a gente ia mexer com muita coisa. E daí pra cá, minha vida foi essa, só mexer com a população.

E agora por fim, é uma luta muito grande da gente querer a moradia porque a parte de cima foi urbanizada e faltava a parte de baixo da Luiza de Gusmão, que entrava prefeito e saía prefeito e eles nunca davam uma decisão do que ia acontecer com esses moradores, né? E na época do Magalhães Teixeira, surgiu um loteamento que era no Mírian, só que desse loteamento eles falavam, uns falava uma coisa, outros falava outra, que era caro, que o pessoal não ia poder pagar, não sei o que... e por fim, ele conseguiu falar com o dono do, desse onde foi o Olímpia agora, e depois entrou o Orçamento Participativo, foi aí que a gente começou a discussão, era uma conversa, era aquela... reuniões de moradias, tal... e por fim, surgiu, agora na época da Izalene, um loteamento de lei que saiu pra outros moradores. E aí a gente foi outras reuniões, reuniões pra lá, reuniões com os moradores... explicando, uns aceitavam, outros não aceitavam porque eles já moravam aí muito. E por fim, uma parte deles aceitaram porque a COHAB e a Prefeitura veio, porque eles tavam em risco 1, certo? E outros em risco 2, que é aqueles que tão mais pra fora do córrego. Aqueles que tão mais perto da valeta que era o risco 1. Então foi aí que eles concordaram e agora hoje eles tão na sua casinha, na sua moradia

*Você acha que eles vão querer voltar pra cá?*

Olha, alguns estão contentes, outros ainda reclamam.

*Reclamam do quê?*

Que é longe, que eles não vão poder pagar, que vai ser caro pra eles porque muito que moravam aqui, eles catavam papelão, eles não têm uma renda fixa. Então se eles tivesse um ordenado, como têm pessoas da terceira idade, eu ainda conseguia algumas pessoas, incluir no programa da terceira idade que eles tão agora, tão recebendo, sua...sua... como é que se diz, sua pensão. Mas ainda tem muitos que trabalhavam com papelão, vai ser difícil pra mim. Então é o que eles reclamam que eles acham que eles não vão poder pagar.

*E como você imagina que vai ficar o rio daqui pra frente? Daqui uns 30 anos?*

Olha, eu espero... a esperança é a única que morre, certo? Porque é como eu falei no começo, que esse rio aqui era estreitinho, era uma água limpa.

*Quando você chegou aqui era estreito?*

Era estreitinho. Isso aí era estreitinho, certo? Agora, por isso que eu falei, depois que a cidade cresceu, o rio, todas as água que recebe dessas casa, cai tudo aí dentro, aí vem a chuva, conforme a chuva vem, eles vão... vem o aterro, então vai, de vez sê fundo, eles ficam raso, então quer dizer que quanto mais raso, a água sobe, então quer dizer que é por isso que dá enchente nas casas.

Agora quando eles falam que, daqui uns anos, talvez nessa época eu já não esteja mais nem aqui, eles falam que vão fazer... vão melhorar esse rio, vai fazer, vai urbanizar, vamo vê se eles vão fazê mesmo, né, porque promessa a gente já tá cheia.

*Você acha que ele vai ficar limpo de novo?*

Olhe, limpo, limpo de tudo não vai ficar não. Porque vejo em muito lugares aí, que fala, só se ele cobrisse, mas mesmo assim não é. Como fez ali na Norte Sul que canalizou tudo. Mas mesmo assim quando vem a sujeira de lá, alguma coisa ainda passa por dentro. Certo? Então limpo, limpo acho que vai ser muito difícil. Certo? De ter como eles falam que eles vão limpar de criar até peixe, mas eu acho que vai ser difícil isso aí.

*Você sabe que esse ribeirão chama Anhumas?*

É Anhumas.

*Você já viu alguma Anhuma aí?*

Eu não! (risos)

*Você sabe o que é uma Anhuma?*

Eu não! (risos) Ainda não sei o que é.

*É uma ave um pouquinho maior do que uma galinha.*

Hã? Como?

*Uma ave, um pássaro, um pouco maior do que uma galinha, e cê nunca viu?*

Não eu nunca vi, mas eu acho que isso aí não vai ficar assim não... nunca vai...

*Ficar limpo?*

Não vai... não vai... eles podem fazer o que for.

*Você usava a água do rio pra fazer alguma coisa?*

O povo lavava roupa. Quando a outra presidente percebeu que a água não era mais aquela água, então foi aí, foi na época que a Amelina também tava né, foi na época que

começou a pedir os hidrômetro na SANASA pra sinalização de água pra alguns moradores, então vinha um relógio às vezes pra 15, 20 família.

*Quando você chegou aqui tinha bastante árvore, ou era mato ralo?*

Não, tinha bastante árvore.

*Em volta do rio?*

Em volta do rio. Tinha tanta árvore, tinha tanta árvore que era esconderijo (risos) ...não, tem que dar risada, era esconderijo (risos) ai, não vou falar porque isso daí vai ficar gravado.

*Será que alguém tomava água?*

Logo no começo que tinha, que a água era limpa, era água de mina, né? Porque essa água vinha de lá do... da 31 de Março, lá de cima, vinha você olhava assim era aquela água branquinha, a turma, as crianças tomavam banho, as mulheres lavavam roupa, aí depois, como eu já falei, que cresceu, a cidade foi crescendo, aí, ali na Orosimbo Maia, quando fizeram aquele, aquele esgoto que tem na Orosimbo Maia, o que que aconteceu? Ali, toda a água das casas vem despejando aqui, aí pronto, aí acabou o rio. Acabou, destruiu. Não teve mais aquele rio que era antigamente.

*Você tomava banho também?*

Não, eu não, eu não, mas meus filhos... (risos) meus filho tomavam.

*E as árvores, quem cortou?*

As árvores, foi... foi indo o povo, né? Quem chegava pra fazer... queria fazer um barraco, fazia, cortava, e aí foi indo, só não conseguiram cortar essas árvores da frente, né? Aí depois que eles tavam fazendo os barracos né, eles começavam a plantar árvore, fruta no quintal, né? Mas eles iam cortando.

*Como que você chama?*

Meu nome é Ginalva. Silva. Sou sergipana (risos)